



A queda do falocentrismo sob a ótica do poema “o homem pelado parece triste”, de Bruno Molinero

The fall of phallocentrism from the perspective of the poem “o homem pelado parece triste”, by Bruno Molinero

Cleidson Frisso Braz

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo / Brasil

cleidsonfrisso@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2600-040X>

Resumo: Discute-se neste artigo a descentralização da sociedade moderna na figura do homem, historicamente privilegiado na esfera do poder e também na teoria psicanalítica freudiana sobre o falocentrismo (1923). Problematiza-se, ainda, que as atuais composições sociais e de gênero criaram rupturas na teoria de Freud (1923) fazendo com que novas perspectivas pudessem ser consideradas para além daquela que centralizam, no homem, a figura organizadora das relações psicossociais. Assim, busca-se encontrar algumas respostas sobre a teoria do falocentrismo de Freud (1923), a partir de leituras do próprio autor e também em confronto com as contribuições de autores que problematizam este tema, tais como Simone de Beauvoir (1949) e Bourdieu (1998). Para isso, utiliza-se como método de pesquisa a análise crítica de literatura, a partir do poema “o homem pelado parece triste”, do autor Bruno Molinero e outras análises do seu livro *Férias na Disney* (2021), bem como o papel do humor, do riso, do fetiche (FREUD, 1927) e da carnavalização (BAKHTIN, 1999) na construção de uma poética crítica à dominação masculina. Conclui-se que a literatura é um importante vetor cultural para discussão e desmitificação da sociedade até então alicerçada no falocentrismo.

Palavras-chave: falocentrismo; poema, riso, descentralização

Abstract: This article discusses the decentralization of modern society in the figure of man, historically privileged in the sphere of power and also in the Freudian psychoanalytic theory on phallocentrism (1923). It is also questioned that the current social and gender compositions created ruptures in Freud's theory (1923) making new perspectives to be considered beyond the one that centralizes, in man, the organizing figure of psychosocial relationships. Thus, we seek to find some answers about Freud's theory of phallocentrism (1923), based on the author's own readings and also in confrontation with the contributions of authors that problematize this theme, such as Simone de Beauvoir (1949) and Bourdieu. (1998). For this, the critical analysis of literature is used as a research method, based on the

poem “the naked man seems sad”, by the author Bruno Molinero and other analyzes of his book *Férias na Disney* (2021), as well as the the role of humor, laughter, fetish (FREUD, 1927) and carnivalization (BAKHTIN, 1999) in the construction of a poetic critical of male domination. Finally, it is concluded that literature is an important cultural vector for discussion and demystification of society based on phallocentrism.

Keywords: Phallocentrism; Poem, Laughter, Decentralization.

1 Falo de mulher e de homem

A teria freudiana bem (ou mal) nos mostrou que a sociedade sempre foi estruturada pelo falo. As relações como nos comportamos mediante a este símbolo organizador da libido, ou da sua coação, determinam nosso modo de ser no mundo. Segundo Freud (1937), o falo possui um valor simbólico que determina as condições psíquicas que irão compor a formação da personalidade dos sujeitos, manifestando-se mediante sua presença (no homem), ou sua ausência castradora (na mulher). De acordo com a tradução de Laplanche e Pontalis (2022, p. 167) “o órgão masculino não é apenas uma realidade que poderíamos encontrar como referência última de toda uma série”, mas sim um símbolo que assenta a vida e a psique humana. Mais adiante, Lacan (1999) indica que o falo não irá necessariamente designar o órgão masculino, mas sim o referente externo sobre o qual os sujeitos objetificam seu desejo para obtenção do gozo. De uma maneira ou de outra, o falo é apresentado pela teoria psicanalítica como um elemento de busca, de desejo, em ambos os sexos. Os movimentos organizados feministas surgidos a partir da década de 1960 traçaram uma profunda batalha para que as considerações freudianas não fossem argumentos que alimentassem a falácia machista ou mesmo a medicina que se impõe sobre o corpo da mulher como sujeito-de-falta, ou até sobre as políticas públicas que controlavam os corpos femininos como bens públicos. Hodiernamente, pautas progressistas, tais como métodos contraceptivos, aborto e direitos por condições específicas de trabalho tornaram-se cada vez mais presentes, o que gerou uma necessidade de compreensão da teoria de Freud e de Lacan sobre o falo e o feminino. Em um gesto de *mea culpa*, Freud (1937), após a primeira grande guerra, abandona muitas concepções sobre o feminino, principalmente aquelas que insurgiam sobre a mulher conceitos que a consideravam um sujeito castrado,

como é o caso dos estudos clínicos sobre a histeria (1893-1895), revisado pelo autor e abandonado em grande parte de sua antologia.

Contemporânea ao surgimento da psicanálise, Simone de Beauvoir (1949) tece profundas críticas a essa ciência que, segundo a autora, ratifica a história falocêntrica e autoriza a dominação masculina através de uma compreensão castradora e equivocada. A autora da conhecida frase “não se nasce mulher, torna-se mulher” destaca em sua obra *O segundo sexo: fatos e mitos* (1949) que há uma compulsão cultural em torna-se mulher, mas que isso não se origina do sexo, mas sim de uma construção que lhes é imputada social, biológica e psicologicamente, para que as mulheres correspondam ao padrão falocêntrico que controla os corpos femininos. Esse entendimento separa a sociedade no binômio masculino-feminino, sendo que ao primeiro caberia o papel da força, da virilidade e do trabalho, enquanto ao segundo restariam os cuidados, os amores românticos e a satisfação dos prazeres eróticos masculinos.

Na medida em que as lutas pelos direitos da mulher influenciaram diretamente as compreensões sobre seus corpos, vivências e práticas sociais, também o masculino ganha novos horizontes de análise, que inclui a compreensão do homem não mais como o sujeito viril e organizador (falo), seja ele da libido ou mesmo das relações de poder, o que nos leva a deduzir, sem hierarquização, que o falocentrismo também aprisiona os corpos masculinos em seu dever de virilidade, fertilidade, heterossexualidade, entre outros. Assim, tentaremos mostrar como algumas das situações que imbricam entre as teorias psicanalíticas sobre o falo e sua relação com a sociedade pode ser compreendida através do prisma da análise literária. Para tanto, tomamos como objeto de pesquisa o poema “o homem pelado parece triste”, do livro *Férias na Disney* (2021), do escritor Bruno Molinero.

2 Perspectivas sobre o falocentrismo em “o homem pelado parece triste”

Férias na Disney (2021) é um livro de Bruno Molinero composto por trinta poemas sob um tom sarcástico e crítico. O autor do premiado *Alarido* (2015), neste novo livro de poemas lança o leitor num cenário urbano cheio de conflitos, onde a sociedade brasileira do espetáculo (ADORNO e HORKHEIMER, 1985) é criticada com muito humor e acidez. Como o próprio autor (2021) afirmou em uma entrevista dada ao jornalista Marcelo Duarte, no canal *A poesia está em alta*, “em Férias na Disney eu quis fazer

um trabalho de investigação literária e poética da classe média brasileira, principalmente a paulistana”. E Molinero cumpre a promessa. Sua obra é visceral, direta, com versos escritos sob a ótica de um sujeito moderno e engajado que oferece ao leitor o que há de cínico, obscuro e vicioso na sociedade brasileira, tudo isso em um ritmo acelerado e sonoro de uma poesia muito próxima da prosa. A obra de Bruno Molinero (não) é panfletária, pois retrata temas sociais complexos, tais como o anestesiamento das classes privilegiadas mediante as mazelas sociais e a própria falta de compreensão da pobreza e da desigualdade por parte da população mais atingida: a classe trabalhadora. Porém é na linguagem, com escolhas lexicais inesperadas e no efeito *plot twist*, que o autor conduz o leitor a um choque sobre o outro e sobre si, como no poema (nada) sutil

escuta
na próxima
você usa o
de serviço
? (MOLINERO, 2021, p. 50).

A escrita certa, direta e cadente nos impregna e nos deixa envergonhados e revoltados com os problemas que os sujeitos poéticos denunciam, fazendo com que nos sintamos como colaboradores de muitos preconceitos e vícios sociais estruturados, como ocorre ao lermos o breve poema “não tenho nada contra / mas” (p. 38).

Ao retratar a sociedade brasileira o autor revela que as contradições entre classes e gêneros parecem ter atingido a todos, até mesmo aqueles que, por vezes, se viram com as rédeas nas mãos, é o que ocorre no poema a seguir

você não acredita
o meu dentista
também entrega
pizza (MOLINERO, 2021, p. 72).

Assim, a ironia se destaca como o grande fio condutor dos poemas de *Férias na Disney* (2021), já evidente desde a escolha do título da obra, em que a sociedade brasileira é antagonicamente comparada ao parque de diversões em Orlando. De férias na Disney estão homens e mulheres da

classe média, principalmente a paulistana, mas que se negam a enxergar os problemas que acometem as pessoas à sua volta. Nos trinta poemas da obra, Molinero constrói um caleidoscópio moderno da classe média, cheia de agruras advindas de problemas que afetam os sujeitos, individual e coletivamente, tais como as mídias sociais, a religião, a política e as divisões de classe e trabalho. Numa poesia contemporaníssima, *Férias na Disney* (2021) nos provoca a entender quem é o sujeito-homem, como vemos no poema e na análise detalhada que o segue:

o homem pelado parece triste

um homem pelado
só de meias e tênis
me examina apático
do outro lado da rua
e balança o pau mole

não quer me comer
nem mostra medo
de pé na calçada
sem cueca, alvo
do pudor policial

só gira
balança
o pau
glande
mole

na verdade parece
até um pouco aflito
prostrado ou triste
pálpebras flácidas
murchas afofadas

quem sabe perdeu

o emprego à tarde
ou assistiu à filha
fugir com um cara
qualquer da internet

não sei

quero perguntar
a opinião dos
outros, saber
se há angústia
no homem nu

mas

taxistas cochilam
cachorros cochilam
velhas andam como
se cochilassem e
só o pau mole gira

ninguém parece notar (MOLINERO, 2021, p. 60-61).

O poema intitulado “o homem pelado parece triste” nos convida a refletir sobre esse elemento organizativo que é o falo. Também nos faz pensar na queda hierarquia de dominação masculina, assim como no modo como a sociedade se organiza, ou não, a partir desse símbolo outrora caro à teoria freudiana, mas contestado pelo movimento feminista. No poema, esse declínio ambivalente (*status* e anatomia) parece não mais figurar como a força organizadora das relações sociais, afinal, ninguém percebeu que tem “um homem pelado / só de meias e tênis / (...) / do outro lado da rua” (p. 60). Estamos, pois, diante de um fato e uma impressão, respectivamente: o homem está pelado e o homem parece triste. Esse binômio estar/parecer se inscreve na consideração crítica da teoria freudiana que Bourdieu (1998) fez sobre o falocentrismo. De acordo com o autor, a organização de uma sociedade a partir do elemento do falo apenas se concretiza quando o

grupo social confere a função de ser viril ao homem. Hoje, a partir de uma revisão dos papéis sociais assumidos pelo feminino e outras denominações de gênero, a sociedade parece não mais centralizar-se numa perspectiva falocêntrica. Embora saibamos que o poder ainda se centraliza na figura do homem branco, heterossexual e de classe média ou alta, há uma grande corrente de militância das minorias sociais que tendem a provocar rupturas nesta malha hegemônica. Quando, no poema, a nudez pública de um homem não chama atenção dos passantes (ou cochilantes), a voz poética se inclina em concordar com as inconsistências da teoria de Freud (1937) que apontou que o falocentrismo predomina nas relações sociais e imputa à mulher uma força relativamente inferior e castradora, já que tudo ao redor deste homem pelado do poema aparenta não notá-lo, como lemos nos versos “taxistas cochilam / cachorros cochilam / velhas andam como / se cochilassem” (p. 61). Logo, o ambiente urbano composto por taxistas, cachorros e velhas não se centraliza neste “pau / glande / mole” (p. 60) que o homem balança tentando ser notado.

Diante disso, é possível compreender uma crítica no poema sobre a imposição da sociedade atual acerca da virilidade masculina, que através da indústria farmacêutica e midiática tende a impor métodos que lhe assegure juventude e o retardamento da impotência sexual. O “pau / glande / mole” (p. 60) é, portanto, o símbolo da decadência do homem moderno, inválido em suas propriedades masculinamente herdadas pela sociedade machista e que não nota mais um homem inútil em seu aspecto de macho. Simone de Beauvoir (1949), ao referir-se ao homem, o conceitua como o sujeito absoluto, isso impõe considerá-lo a partir de suas características de virilidade e força. Para a autora, enquanto o homem é esse sujeito universal, positivo e neutro, a mulher tem sido apenas o outro. Desta maneira, o homem pelado do poema é uma clara referência do poeta à queda da sociedade centralizada na figura masculina falocêntrica.

Ainda é válido notar que as personagens femininas mencionadas nos poema são independentes e não são afetadas pela posição deste homem pelado na rua. A possível filha que fugiu “com um cara qualquer da internet” (p. 61) e as “velhas” (p. 61) que cochilam são indiferentes à presença deste homem, sequer o notam, ou seja, duas gerações de mulheres invalidam a presença masculina em função de continuarem o rumo de suas vidas. Um destaque breve: Beauvoir (1949) sugere que somente após a menopausa

as mulheres adquirem independência, pois se desobrigam de seus papéis biológicos; neste horizonte de compreensão, talvez compreendamos que, por isso, as “velhas andam como / se cochilhassem” (p. 61), pois agora estão livres da herança natural.

Há de se reconhecer que os sujeitos presentes no poema apresentam certa familiarização com o homem pelado, como se demonstrassem não se importar com esse mundo estruturado falocentricamente, o que nos leva a supor que há uma crítica no poema a muitos de nós que naturalizamos relações cotidianas, jocosas, machistas e misóginas em que a nudez feminina atrai atenção, seja por objetificação do corpo da mulher através do desejo ou da censura, enquanto a nudez masculina provoca apenas apatia, indiferença, ou como nos mostra Bourdieu (1998), a sociedade já teria incorporado a dominação falocêntrica em suas relações sociais de tal forma que não percebe o poder dominador do falo. Prova disso é que no poema “só o pau mole gira” (p. 61), o resto é inércia.

A nudez masculina já foi retratada na literatura brasileira em muitos momentos. Talvez um dos contos mais conhecidos seja *O homem nu* (1960), de Fernando Sabino, que narra uma cena ocasional em que um homem fica trancado do lado de fora de seu apartamento ao recolher uma sacola de pão. Apesar de a nudez ser algo comum, quando presenciada pelos demais moradores de seu prédio ela provoca espanto; já nos leitores, humor. Nos dias atuais, a nudez também assusta e talvez esse choque hipócrita seja a grande crítica do poema de Molinero, exemplo disso foi uma polêmica exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2017, onde o artista Wagner Schwartz performava nu e uma criança acompanhada pela mãe tocava em seu pé, provocando uma recepção negativa em grande parte da sociedade. A crítica presente no poema de Molinero não se aplica apenas aos expectadores da exposição de Schwartz (2017) ou aos vizinhos em *O homem nu* (SABINO, 1960), mas também à grande parte da sociedade moderna adepta de outras distrações, como relacionamentos firmados a partir de aplicativos, jogos on-line e outras mídias modernas. No poema, essa relação se confirma quando o eu poético explica que o homem pelado poderia estar daquele jeito “prostrado ou triste” (p. 60) porque “assistiu à filha / fugir com um cara / qualquer da internet” (p. 61). Desta maneira, deduzimos que o falo, representado pelo homem pelado, não parece chocar

as pessoas, porque a sociedade está anestesiada (cochilando) por outras distrações alienantes. Sobre isso, Debord explica

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. (...) O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação (DEBORD, 1997, p. 24).

Sendo assim, poderíamos afirmar que os taxistas, as velhas e a filha deste homem pelado representam metaforicamente a sociedade moderna, cujo subjetivismo extremado produz indivíduos anestesiados e alienantes aos problemas dos outros, mesmo que estes estejam próximos deles, ou mesmo “pelado (...) do outro lado da rua” (p. 60).

Contudo, a nudez na sociedade do espetáculo parece ganhar destaque, basta lembrarmos que vivemos em um contexto em que muitas pessoas são adeptas do *voyeurismo* e da troca de *nudes* em aplicativos de relacionamento, contudo, no poema, esses sujeitos, exceto a voz narrativa do poema, fingem não notar a nudez escancarada do homem “do outro lado da rua” (p. 60).

Para tentar compreender esse anestesiamento e, ao mesmo tempo, o enorme crescimento dos relacionamentos via aplicativos de telefone, recorreremos ao ensaio de Freud *O fetichismo* (1927). De acordo com o autor, o fetiche estará relacionado, ainda, à castração feminina. Segundo ele, o homem imagina que a mulher é um sujeito com falo, quando este descobre que ela não possui o órgão, semelhante ao seu, tal signo passa a ser representado por outro significante desta ausência (LACAN, 1999). Ainda na infância, antes da descoberta de que a mulher é castrada, o menino imagina o falo da mulher, logo, ao descobrir que esta não o possui transfere esse significante psíquico no momento da descoberta de sua ausência, o que pode ser um sapato, uma cor, um acessório, que passa a ser esse falo externo e ausente na mulher, mas presente no inconsciente masculino. Assim, podemos concluir que o fetiche é o falo externo e representativo da castração feminina, que se materializou em um elemento que substituiu a representação desse signo fálico no inconsciente masculino:

Pode-se esperar que, como substitutos do falo cuja falta se sente na mulher, sejam escolhidos os órgãos ou objetos que em outros casos também simbolizam o pênis (...) no qual ainda se podia imaginar a mulher como fállica. (FREUD, 1927, p. 79)

Sendo assim, no poema, um homem pelado na rua é apenas algo trivial, sem importância ou valor que lhe confira sequer riso, pois ele é o elemento de denúncia de Molinero sobre as distrações modernas, mas também uma crítica ao poder falocêntrico. O fetichismo substituiu o falo por outros elementos de distração (aplicativos, vídeos, publicidade) e nesta sociedade cochilante (termo emprestado do poema) todos estão imersos em suas subjetividades e não notam o falo que gira, mas não organiza a vida, o que poderíamos concluir ser a queda do falocentrismo e a ascensão do fetichismo.

Ora, um homem nu publicamente, “alvo / do pudor policial” (p. 60), ou um pudor que policia, não é um evento que passa despercebido, sendo assim a imprecisão descrita nos versos “não sei” (p. 60) e “ninguém parece notar” (p. 60) não faz jus ao fato, logo se prescinde que as pessoas, na verdade, poderiam estar envergonhadas, ou elas disfarçam seus falsos pudores e não desejam olhar.

Atentemo-nos ao fato de que, o sujeito poético que narra o que presencia também não está incomodado com a nudez ou sequer com o gênero, já que “não quer me comer” (p. 60), suas preocupações se inclinam ao plano emocional:

na verdade parece
um pouco aflito
prostrado ou triste
pálpebras flácidas
murchas afofadas (MOLINERO, 2021).

Logo, o homem pelado – o poder masculino aparelhado pela dominação falocêntrica – não mais organiza aquela sociedade. O falo, esse elemento centralizador da libido humana, é apresentado por Lacan (1999) através de uma perspectiva não mais relacionada exclusivamente ao órgão sexual masculino, mas sim como um significante, como bem demonstrou Safatle: “o falo não é exatamente o pênis orgânico, ou algum signo de

potência, mas um significante puro, uma diferença pura que organiza posições subjetivas (masculino e feminino) (2022, p. 57)”. O falo do poema, que não aparelha a sociedade e sequer é notado, é o reflexo das relações humanas que superaram o binarismo homem e mulher e assumiram também outras concepções de gêneros: gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais e outras mais.

Quer por um viés de análise freudiana, que vê no falo um elemento masculino organizador da sociedade pela sua presença ou castração; quer por uma referência lacaniana, que observa o falo em seu aspecto simbólico de significante; o homem pelado no poema em nada contribui para que seu meio seja organizado. Ele é tão somente um sujeito entre todos os outros presentes no poema, e que é afetado pelo meio em que está imerso, onde tudo passa devagar, quase drummonianamente em uma *cidadezinha qualquer*.

A anestesia da cidade que parece cochilar é uma desobrigação da sociedade com a sexualidade masculina, que subverteu essa ordem e segue cotidianamente com seus afazeres. No final, a nudez não incomodou ninguém, mas afinal deveria incomodar? Assim, o autor nos insere (leitores) nesse cenário quando julgamos o porquê de as pessoas não terem notado a nudez, por que não reagiram, riram ou recriminaram. Ou será que nós, leitores do poema de “o homem pelado parece triste” (p. 60-61), nos incomodamos com a falta de percepção da nudez porque a consideramos sinônimo da obscenidade humana? Afinal, o homem teria motivos para estar desesperadamente nu, pois

quem sabe perdeu
o emprego à tarde
ou assistiu à filha
fugir com um cara
qualquer da internet (MOLINERO, 2021, p. 61).

Essas situações são bem comuns em nossa sociedade (desemprego e relacionamento através de redes sociais). Além de curiosidade, o homem pelado do poema também provoca riso no leitor, além de criar a expectativa para uma explicação sobre os motivos que levaram o homem a estar ali, do outro lado da rua, só de meias. Sobre o aspecto do risível esboçamos

algumas considerações as quais deduzimos que sejam fundamentais para a compreensão do poema.

3 O riso e a (des) carnavalização do homem pelado

Em *Comicidade e riso*, Vladimir Propp (1992) conceitua outros tipos de riso além daqueles cuja antologia já vem explicando há tempos, como o riso das narrativas nas festividades míticas da Grécia Antiga, a proibição do riso Idade Média e até mesmo o riso como camuflagem dos sentidos (MINOIS, 2003). O autor explica que o riso pode ser bom, maldoso ou cínico, alegre, ritualístico ou imoderado. Dentre estes, destacamos que a ausência do riso nos personagens do poema não anula a sua ocorrência, porque há de se considerar uma terceira pessoa nessa seara da comicidade: o leitor. Este sim é capaz de, por um processo de referenciação, colocar-se no lugar do outro e rir do homem pelado, ao passo que não nos imaginamos no ridículo que se instaura. Desta forma, ao rirmos exercemos nossa vitória sádica e narcísica sobre o outro, aquele homem nu do outro lado da rua. Através de Propp (1992), compreendemos que o riso do leitor sobre essa circunstância se aproxima do riso cínico, pois “prende-se ao desprazer da desgraça alheia” (p. 160). Sobre isso acrescenta-se que, muito mais do que rir do outro (o homem pelado) rimos de nossa vitória em não nos imaginarmos ali, naquela posição de ridículo, pois nosso super ego venceu, então rimos de nós mesmos sob a ótica do espelhamento (LACAN, 1999).

Avançando um pouco mais, há de se considerar o riso como um elemento de carnavalização. O termo emprestado da teoria de Bakhtin (1981) nos faz ver que um homem nu é um ato cênico, espetaculoso e cômico, tipicamente encarnado através da máscara da nudez. Esse elemento, presente em muitos outros textos da literatura como já foi apresentado anteriormente, possibilita a aproximação dos sujeitos, pois fornece um cenário caricato e curioso, mas que, principalmente, provoca uma ruptura com o formal. A falta de pudor, o exagero e o ridículo revelam o simbolismo do nudismo de que trata a máscara bakhtiniana

A máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos (BAKHTIN, 1999, p. 35).

Porém, ninguém parece ver o homem nu, assim a carnavalização que proporcionaria a aproximação dos sujeitos através de um olhar empático e de alteridade é interrompida quando o homem nu não é visto. O espetáculo não ocorre nesta sociedade anestesiada e cochilante. Prova disso é que o riso, elemento de carnavalização que, na teoria bakhtiniana, atestaria essa aproximação entre os sujeitos da cena, não é provocado em nenhuma das pessoas mencionadas no poema (ninguém parece notar). O homem nu e de meias é a máscara, a figura caricata de uma sociedade que se veste, porém não se vê, de forma que o supostamente ridículo, o despudorado e o exagerado não mais excitam essa sociedade que parece obter prazeres por vias um tanto questionáveis, como Molinero apresenta em outros poemas de *Férias na Disney*, como o fascismo no poema “açougue”; a hipocrisia cristã em “anúncio”; o suicídio em “gatilho”; e a pedofilia em “o cego e a bailarina”.

Assim, poderíamos supor que em “o homem pelado parece triste” (p. 60-61) ocorre uma (des) carnavalização, já que os personagens presentes no poema parecem perder a oportunidade de revisar o real através do humor quando não notam este homem. Contudo, o mesmo não ocorre para nós, leitores, que facilmente rimos do poema de Molinero.

Sobre esse aspecto, devemos considerar que o risível é um elemento que, no poema, opera pela via do leitor e, para compreensão desta característica, inicialmente partimos da ideia de que o humor se forma sobre características chistosas presentes em alguns versos, nos fazendo lembrar o que Freud (1905) postulou em *O chiste e a relação com o inconsciente*. Segundo o autor, o que faz rir no chiste é um fator específico e intencional construído na linguagem, através de um jogo de palavras. Isso ocorre quando lemos, por exemplo, os versos “o pau / glande / mole” (p. 60), em que o fonema [r] é substituído por [l], logo, o pau não é grande, mas sim uma glande mole. O mesmo ocorre com a escolha de palavras do léxico de piadas que comumente fazemos sobre a virilidade masculina, tais como “flácidas / prostrado / murchas” (p. 61), ou ainda ao resumir que, no final, “só o pau mole gira” (p. 61). Essas, e outras, expressões nos fazem rir durante a leitura do poema, além disso, outro fator acentua o efeito chistoso do poema: a possibilidade narcísica de rirmos da queda do falo. Explico. Ainda em Freud (1905), reside a compreensão de que o chiste permite a suspensão de um recalque, ou seja, um momento de desbloqueio de neuroses

por uma busca de um prazer (gozo). Logo, quando o poema coloca um homem pelado na rua, o sujeito que ri (o leitor) pratica um desrecalque, pois inconscientemente supera a dominação falocêntrica, colocando-a numa posição de inferioridade e, assim, ri.

Além disso, Freud (1905) demonstra que o risível também permite a queda de hierarquias, quando possibilita pela via do cômico rir do poder dominante historicamente constituído. Basta lembrar que rimos de Dom João VI, o rei comilão, ou das sátiras de Chaplin a Hitler em *O grande ditador* (1940). Ao rir suspendemos nosso recalque numa vitória narcísica do super ego. Quando rimos de um homem pelado triste suspendemos nosso recalque sobre o domínio fálico, mesmo que temporariamente. Mais adiante, Freud (1927) nos apresenta em *O humor* uma nova compreensão sobre o risível. Segundo ele, o humor é uma maneira de obter o gozo mesmo em situações não prazerosas. Assim sendo, o humor age como uma defesa do aparelho psíquico mediante ao absurdo que se impõe: “um homem pelado / ... / do outro lado da rua” (p. 60). Apesar disso, no poema ninguém ri, todos cochilam, ou parecem cochilar. Menos nós, leitores. Foi a isso que Freud (1927) chamou atenção, a inserção de mais um elemento, que somos nós, a plateia, a terceira pessoa. Deste modo, é imperativo notar que quando rimos deste poema (ou com ele), estamos rindo de nossas convicções narcísicas, já que nos consideramos (inconscientemente) tão superiores ao outro, que não nos vemos numa situação de total ridicularidade, logo, rimos. Ao fim ao cabo, seja por meio da (des) carnavalização ou por meio da suspensão do recalque, “o homem pelado parece triste” permite ver a história por outro ângulo que não aquele centralizado na figura masculina / fálica, ele insere a personalidade do homem no plano do ridículo (risível), a fim de que o leitor perceba que as novas configurações sociais, de gênero e as novas relações afetivas modernas não mais se centralizam no homem. O sujeito pelado do poema é apenas mais um elemento comum, sem uma força potente que lhe dê foco ou uma importância desnecessária além daquela que a história falocêntrica já lhe conferiu.

Considerações Finais

Assim, o poema de Molinero denuncia, por via do humor, a letargia que a sociedade contemporânea parece estar enfrentando. Seus versos nos provocam a perceber o cotidiano de um âmbito menos espetacular e mais

voltado para o sujeito e suas relações com o outro, que reivindica ser notado. O homem está na rua, entre taxistas, velhas e cachorros e está pelado, mas não o vemos, ou melhor, o ignoramos como fazemos com os problemas que declaramos não serem nossos. São conflitos de classe e de gênero, que nos anestesiaram e nos tornam passivos mediante as forças dominantes. Mas estes problemas também nos advertem que podemos estar contribuindo para a perpetuação dos poderes opressores, quando ignoramos o outro e resolvemos olhar exclusivamente para nossos próprios umbigos. Através do percurso teórico que percorremos, ficou evidente que os postulados freudianos que destacam o falo como símbolo organizador das relações humanas (e revisto pelo próprio autor) não imperam sobre as mesmas circunstâncias, embora ainda exerçam força em muitas esferas sociais, como no meio de trabalho, na família tradicional, nas religiões cristãs e em muitos outros lugares que tendem a olhar os gêneros como ameaça ao poderio falocêntrico. Nesta problemática, o humor, o riso e a literatura tornam-se vetores capazes de provocar reflexões e criar rupturas ou novas perspectivas para a observação da sociedade pelo prisma da descentralização na figura masculina e vislumbram um horizonte de consideração crítica em que os sujeitos são notados a partir de suas produções e criações no mundo, independentemente do seu gênero, classe ou cor.

Referências

BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BOURDIEU, P. *La domination masculine*. Paris: Seuil, 2002.

CHAPLIN, C. *O grande ditador*. Estados Unidos, 1940. 124'

DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [1905]. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VIII.

FREUD, S. *O humor* [1927]. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI.

FREUD, S. *Análise terminável e interminável* [1937]. In: FREUD, S. Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

FREUD, S. *O fetichismo* [1937]. In: FREUD, S. Obras completas: estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer / Sigmund Freud; tradução Laura Barreto; Tradução Paulo César de Souza, 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1999.

LAPLANCHE, J.e PONTALIS, J. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022, p. 166-168.

MOLINERO, B. *Férias na Disney*. São Paulo: Patuá, 2021.

PROPP, V. *Comichidade e riso*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

SABINO, F. O homem nu. In: SABINO, F. *O homem nu*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 65.

SAFATLE, V. *Introdução a Jacques Lacan*. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.